

A indomável

Jane Fonda fala sobre ativismo, etarismo e o poder político das mulheres no cinema

Por MARÍLIA KODIC

ÍCONE do cinema político nos anos 1970, musa fitness nos anos 1980, ativista ambiental (presa em protesto aos 80 anos) e figura cultural incontornável, Jane Fonda atravessou décadas de transformações em Hollywood sem sacrificar o que a fama costuma corroer: coerência.

Entre atuações emblemáticas e uma trajetória marcada por enfrentamentos públicos e reinvenções sucessivas, extrapolou sua biografia para muito além do que a sociedade espera de uma estrela de cinema. Vencedora de dois Oscars e protagonista de clássicos como *Klute*, *Amar-go Regresso* e *Barbarella*, tornou-se também uma voz importante em debates sobre feminismo, guerra e crise climática. Aos 88 anos, segue rejeitando tanto papéis que não a desafiam – postura que já a levou a recusar o protagonismo em clássicos como *Bonnie e Clyde* e *O Bebê de Rosemary* – como a lógica de uma indústria obcecada por juventude.

No Festival de Cannes, celebrou 20 anos como embaixadora da L'Oréal Paris e apresentou o Lights on Women Award, ação da marca que premia diretoras emergentes. De lá, falou com *Marie Claire* sobre a importância do cinema independente, a sub-representação feminina na indústria e as escolhas que lhe permitem dormir em paz.

Por que é importante que mulheres contem suas próprias histórias no cinema?

Mulheres são a maioria dos humanos neste planeta e nossa experiência é muito diferente da dos homens. Vivenciamos a guerra, a pobreza, a crise climática, tudo de maneira distinta da deles. Se nossas versões da história não forem mostradas na telona, nesses grandes teatros escuros, então as mulheres na plateia não se sentirão vistas ou valorizadas. “Minha história não importa”, pensarão. Por outro lado, quando você vê uma diretora como Chloé Zhao, como Jane Campion, dá para perceber que ela parte de outro ponto de vista, de outra forma de olhar para as coisas. Isso faz com que a gente se sinta vista e empoderada.

Você atravessou diferentes fases da indústria. O que essa nova geração de atrizes está fazendo que a sua não conseguiu fazer? Imaginar-se diretoras. Nós nunca pensamos que poderíamos dirigir. Quando eu estava começando, não havia mulheres no set de filmagem. Talvez uma, e era sempre a continuista. Todo o resto era homem. Era tão solitário. Não havia para quem ir se

você estava assustada ou incerta. Nunca passou pela nossa cabeça que um dia acabaríamos nos tornando diretoras.

O slogan “Porque você vale muito”, lançado pela primeira vez nos anos 1970, ganhou um significado diferente para você ao longo do tempo? À medida que fui me tornando mais feminista, ele passou a ser mais importante para mim. No começo, eu nem reparava no slogan, mas agora vejo que é muito bom trabalhar em uma empresa que tem isso como lema, que reconhece a importância de as mulheres se fortalecerem, ganharem confiança. Isso significa muito para mim.

Nossa sociedade tem uma relação ambivalente com o envelhecimento, muitas vezes marcada pela negação. Você lida bem com ele? Eu me sinto feliz por estar velha. É melhor do que a alternativa *[risos]*. Se você consegue viver bastante, você tem sorte. E eu trabalhei muito em mim mesma para que a velhice fosse uma fase em que eu me sentisse bem. Eu me sinto bem na minha própria pele, mas precisei trabalhar para chegar a isso. Teve que ser algo muito intencional. Morei na França durante meus 20 e poucos anos e uma das coisas que notei logo de cara foi que as francesas abraçam o envelhecimento, não tentam escondê-lo.

Elas mantêm uma certa elegância, um certo charme quando são mais velhas. Eu queria ser assim.

Sua imagem sempre esteve ligada a uma forma de força – física, estética, política. O que essa força te trouxe ao longo dos anos? Trouxe felicidade e uma vida melhor. Posso dormir bem à noite. E, sabe, essa força vem também de ter amigas incríveis que são o centro da minha vida. Elas me dão confiança e amor. E me ensinaram a não ter medo de pedir ajuda. Os homens não fazem isso. As mulheres se olham nos olhos, mesmo que não tenham se visto há muito tempo, e vão direto para o centro das coisas. Não temos medo de dizer: “Não sei o que estou fazendo. Me sinto tão perdida. Me dá um abraço”. Essa é a nossa força. Os homens não têm isso.

Que conversa ainda não está acontecendo com a profundidade necessária no cinema – e no mundo – hoje? Acho que meu filme favorito em muitos anos é *Hamnet*, dirigido pela chinesa Chloé Zhao. Ela é uma mulher profunda. É feminista. E faz filmes que um ho-

FOTO: DIVULGAÇÃO



A atriz Jane Fonda na abertura do Festival de Cannes 2026

“Precisamos de mais *mulheres brasileiras* dirigindo. Isso iria *explodir* o cinema!”

JANE FONDA

O que tem achado do cinema brasileiro? Os filmes brasileiros são extremamente importantes. Walter Salles com *Ainda estou aqui*, um filme fabuloso. Fernando Meirelles com *Cidade de Deus* e *O jardineiro fiel*. Kleber Mendonça Filho, fabuloso. Glauber Rocha. Vocês têm diretores incríveis e uma cultura incrível. Mas precisamos de mais mulheres brasileiras dirigindo. Isso iria explodir o cinema! Mulheres brasileiras são muito poderosas.

O que mudou no seu critério de escolha de projetos nos últimos anos? Nada mudou, mas obviamente agora interpreto mulheres mais velhas e é muito difícil encontrar um papel interessante sobre uma mulher mais velha. Todos os roteiros que me oferecem são sempre iguais e muito superficiais. E então

apareceu esse livro, *A Correspondente*, e ele tem muita profundidade e é universal. Sinto como se tivesse nascido para interpretar esse papel. Estou muito animada e grata por fazê-lo.

Você está há 20 anos com a L'Oréal Paris. A que atribui a longevidade dessa parceria? O fato de que me mantive saudável e em forma. E deixei meu cabelo ficar grisalho – e é um bom grisalho! O que amo é que não sou a única embaixadora grisalha da marca, há outras. Eles acolhem mulheres mais velhas, é maravilhoso. Tive o privilégio de passar um tempo na abertura do festival com Gong Li, que é a principal figura feminina do cinema na China. Eu já tinha conhecido Chloé Zhao. Apreendi muito conhecendo as outras embaixadoras, mulheres poderosas de tantos outros países. Elas são fascinantes. ■